

INDISCIPLINA E/OU DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781112015028>

Thaís Marcela Fernandes Modesto de Araújo¹

Onaide Schwartz Mendonça²

RESUMO

Este trabalho aborda a questão da indisciplina na escola e o papel do professor diante da problemática. A fim de contribuir para o esclarecimento e intervenção adequada perante as dificuldades encontradas em sala de aula, abordamos o conceito de indisciplina no ambiente escolar, enfatizando questões ligadas às dificuldades de aprendizagem e o papel do professor diante de alunos indisciplinados ou com dificuldade de aprendizagem. Segundo Yves de La Taille (1996), atualmente, a indisciplina é vista como negação de todo valor e regras, portanto, a grande vilã dos problemas das salas de aulas. Este trabalho recorre à pesquisa de cunho qualitativo (BOGDAN e BIKLEN, 1994), em que a observação constitui um dos principais instrumentos de coleta de dados. Os questionamentos que orientam este estudo são: como os professores devem agir diante de alunos com dificuldades comportamentais e cognitivas? Quais são as variáveis individuais e profissionais que contribuem para o comportamento dos alunos em sala de aula? Qual é o papel da escola diante da problemática? Nossas hipóteses são de que a escola deve oferecer ao aluno um ambiente propício para desenvolver suas capacidades comportamentais e/ou cognitivas, e que os docentes devem ter uma formação que garanta competência técnica de qualidade.

Palavras-chave: indisciplina, dificuldade de aprendizagem, formação docente, família, sala de aula.

¹ FCT/UNESP - Presidente Prudente

² FCT/UNESP/ Presidente

**DISRUPTIVE BEHAVIOR AND/OR LEARNING DIFFICULTIES: THE ROLE OF
THE TEACHER OF ELEMENTARY EDUCATION IN A MUNICIPAL SCHOOL OF
PRESIDENTE PRUDENTE**

ABSTRACT

This paper addresses the issue of indiscipline in schools and the role of the teacher in front of the problem. In order to contribute to the clarification and appropriate intervention before the difficulties encountered in the classroom, we discuss the concept of indiscipline in the school environment, emphasizing issues related to learning disabilities and the role of the teacher in front of unruly students or learning difficulty. According to Yves de La Taille (1996), currently, indiscipline is seen as a major villain of the problems of the classrooms. This paper draws on qualitative research (BOGDAN and BIKLEN, 1994), in which observation is one of the main instruments of data collection. The questions that guide this investigation are: how teachers should act on students with behavioral and cognitive difficulties? What is the role of the school before the problem? Our hypotheses are that the school must provide the student with an environment to develop their behavioral and / or cognitive abilities, and that teachers should have undergone training to ensure technical competence of quality.

Keywords: discipline, learning difficulties, teacher training, family, classroom.

Introdução

Este trabalho surgiu de nossas observações e intervenções em uma sala de aula, realizadas em escola municipal de Presidente Prudente, por meio do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que nos levaram a refletir sobre o comportamento de alguns alunos diante dos professores e colegas de sala, e do comportamento dos professores envolvidos com esses alunos.

De acordo com o dicionário Aurélio (2014), disciplina é o conjunto dos regulamentos destinados a manter a boa ordem em qualquer assembleia ou corporação, a boa ordem resultante da observância desses regulamentos [...], e a submissão ou respeito a um regulamento [...], logo, indisciplina é falta de disciplina e desobediência.

Assim, entendemos que a desobediência é a negação às regras e normas pré-estabelecidas, além de mau comportamento.

Segundo Yves de La Taille (1996), este caráter de negação de todo valor e regras, explica os problemas das salas de aulas. Para o autor, antigamente, o professor falava e os alunos estavam dispostos a acatar, em um segundo momento, o professor propunha e alguns alunos acatavam, mas hoje os alunos nem escutam o professor.

Nota-se que o tema indisciplina é bastante abordado atualmente, visto que os alunos levam à escola diferentes manifestações de seu meio, sejam elas familiares ou não. Assim, relacionar indisciplina à dificuldade de aprendizagem nos leva a refletir sobre os diferentes obstáculos no processo de ensino/aprendizagem em sala de aula, sejam eles comportamentais ou cognitivos, até a capacitação dos professores.

Segundo Garcia (1999), a indisciplina escolar não é um fenômeno estático que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas, ao contrário, está evoluindo nas escolas. Sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. Ela não apresenta uma causa única ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas.

Ainda, de acordo com o autor citado, a indisciplina tem sido intensamente vivenciada nas escolas, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula.

Neste sentido, durante nossas observações, alguns questionamentos começaram a surgir como, por exemplo, até que ponto o comportamento exacerbado dos alunos (agressividade, brincadeiras inapropriadas, falta de atenção, necessidade de elogios,

preguiça para realizar as atividades, mutismo – só na escola -, entre outros), contribuía para que chegassem ao terceiro ano do Ensino Fundamental no nível pré-silábico, o nível mais rudimentar de aprendizagem da leitura e da escrita. É indisciplina ou uma dificuldade de aprendizagem? Como o professor deve avaliar o comportamento de seus alunos para intervir de maneira adequada?

São esses questionamentos que nos levaram a refletir sobre a importância de o professor ser capacitado para trabalhar com alunos indisciplinados e agressivos em sua sala de aula. Se estiver preparado, o docente será capaz de propor situações de ensino/aprendizagem de acordo com o interesse de seus alunos, de modo que consigam se envolver, desenvolver suas habilidades e ter prazer no que se dispuserem a fazer.

Assim, de modo geral, buscou-se com este trabalho analisar as principais causas desses fenômenos, levando em consideração o papel do professor em sala de aula e o que ele deve fazer para mudar essa realidade.

O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre as diferenças entre indisciplina e dificuldade de aprendizagem na sala de aula e sobre o papel do professor diante de alunos com problemas (comportamentais ou cognitivos). Pretendemos ainda, identificar algumas das variáveis individuais e profissionais que contribuem para a existência da indisciplina na escola, relacionando possíveis causas da dificuldade de aprendizagem, além de apresentar uma reflexão sobre o papel da escola no desenvolvimento das crianças.

Material e métodos

Este trabalho recorre à pesquisa de cunho qualitativo (BOGDAN e BIKLEN, 1994), em que a observação constitui um dos principais instrumentos de coleta de dados. Segundo Ludke e André (1986), a experiência direta é o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado assunto. Ela permite que o observador chegue mais próximo do sujeito estudado, além de possibilitar a coleta de dados em situações em que é impossível estabelecer outras formas de levantamento ou outras formas de comunicação.

Neste sentido, o trabalho aqui apresentado surgiu de nossas observações em uma sala do Ensino Fundamental I na rede municipal de Presidente Prudente, por meio do PIBID/CAPES. Este programa é de iniciativa do Governo Federal por meio do Ministério da Educação e tem por objetivo o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica através de estágios na rede pública municipal de ensino.

Nosso objetivo no programa era somente trabalhar o Método Sociolinguístico, proposta de alfabetização da Professora. Dra. Onaide Schwartz Mendonça, que visa fazer com que crianças com severas dificuldades de aprendizagem avancem rapidamente na aquisição da leitura e da escrita de forma crítica.

Entretanto, ao começarmos a intervenção notamos que as crianças tinham comportamentos indisciplinados o que nos levou a refletir sobre a problemática. Partindo deste foco queríamos entender por que ocorriam comportamentos agressivos e como os professores destes alunos reagem. Nosso primeiro passo foi observar e registrar as ocorrências em sala de aula para, em seguida, buscar fundamentação teórica em resposta aos nossos questionamentos.

Atendemos ao todo quatro crianças com idades entre 7 e 8 anos. Um aluno era do terceiro ano do Ensino Fundamental I e três do segundo ano, todos eles selecionados em virtude dos problemas apresentados no decorrer do ano letivo.

Para a escola, de alguma forma, os quatro discentes desestruturavam as aulas de seus professores seja pelas dificuldades na aprendizagem dos conteúdos trabalhados, seja por desordens, agressividade e até por desinteresse.

Ficamos em uma sala separada com os alunos citados e durante nosso estágio, foram muitas as observações em que a falta de respeito com o colega de sala, com os colegas de outras salas e com os professores eram absurdas. Selecionamos algumas situações para relatar neste artigo.

Por diversas vezes, durante as saídas para o intervalo ou entrada para a sala de aula, vimos nossos alunos correndo no corredor da escola e, mesmo diante de nossas tentativas de

contê-los, conseguiam “passar rasteiras” derrubando os colegas que passavam pelo local, além de gritarem e saírem batendo nas portas das outras salas que no momento estavam em aulas.

Durante o recreio, embora muitos funcionários da escola estivessem cuidando, conseguiam burlar as regras, batendo nas mesas, jogando água e alimentos nos colegas e não saindo do local no horário pré-estabelecido.

Segundo relato da professora de uma das crianças, o comportamento dele era extremamente agressivo com os amigos a ponto de ir para a diretoria quase todos os dias. Em nossa sala, por inúmeras vezes, o mesmo aluno teve de ser contido com o lápis nas mãos pronto para machucar o colega, vimos também que se chocava propositalmente contra o outro, queria dar socos, escondia roupas, materiais, rabiscava cadernos, além de fazer constantes ameaças de que “pegaria” o outro na saída da escola.

Para Fontana (2007), se a criança é indisciplinada em casa certamente será um aluno indisciplinado na escola, pois se ela não reconhece seus pais como figura de autoridade, dificilmente reconhecerá isto em um estranho, seja ele seu professor, coordenador pedagógico ou diretor de escola.

Nesse sentido, em sala notamos que as normas e regras estabelecidas no início das aulas dificilmente eram respeitadas como, por exemplo, o horário de ir tomar água. Se pedíssemos que fossem em determinado horário, faziam o contrário e ainda diziam que “iam ao banheiro na hora que quisessem e que nem a diretora iria impedi-los, caso contrário, iam pedir para a mãe ir à escola brigar com todo mundo”.

Na situação descrita observa-se uma total falta de limites. Aliás, um claro reflexo da interpretação equivocada do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no sentido de que as crianças se sentiram cheias de direitos e sem nenhuma obrigação. O problema é que a própria escola se prestou a essa divulgação distorcida do Estatuto e, como vivemos em um país onde as pessoas se apropriam apenas da parte que lhes interessa das leis, as crianças aprenderam, com seus pais, a usar a lei para ameaçar a própria família e a escola, mesmo porque é comum observar pais que, ao invés de apoiar atitudes de correção de comportamentos inadequados em sala de aula, tentam usar a lei para coagir os professores. Constata-se que as crianças usam esse artifício sempre desafiando a escola e poucos mostram que isso é totalmente inadequado, que na sociedade existem regras e, mais cedo ou mais tarde, quem as quebra se prejudicará.

Outro aluno se jogava no chão chorando para não fazer a atividade proposta e, quando resolvia fazê-la, era à base de muitos elogios, começava a fazer, mas em poucos minutos parava, rabiscava a mesa e entrava debaixo das cadeiras se arrastando pela sala.

A reação descrita é típica de crianças abandonadas que buscam obter a atenção do outro a qualquer custo. Há crianças que ao passar privações como o abandono, falta de carinho, usam a indisciplina como estratégia. Desafiam para serem vistos por alguém, para serem notados e se sentirem vivos, ainda que seja para serem mandados para a diretoria e repreendidos. No caso observado, a estratégia serviu para receber elogios, entretanto, como provavelmente essa criança convive com situações que não estimulam a aprendizagem ela logo se dispersou.

Ainda em sala, pedíamos que determinada atividade fosse desenvolvida em uma sequência lógica, mas eles simplesmente rabiscavam a atividade dizendo que “não iam fazer porque não mandávamos neles”. Um dos alunos, por várias vezes, desenhou o órgão sexual masculino em seu caderno, na mesa e na lousa.

O comportamento descrito mais uma vez denuncia a realidade com a qual a criança convive. Somos fruto de nossa história e a situação relatada mostra duas possibilidades: ou a criança “desenhista” tem presenciado atos obscenos entre adultos ou tem sido vítima de abuso.

Lamentavelmente, o número de crianças que vem sendo vitimadas por irresponsáveis cresce diariamente. É comum na camada mais pobre da população brasileira dez, doze pessoas coabitarem “casas” que tem apenas um quarto. Assim, a miséria tem feito crianças presenciarem cenas de intimidade cada vez mais cedo.

Sabe-se que há hora para tudo, mas seres que se dizem “humanos” a cada dia se preocupam mais em satisfazer suas necessidades do que com a saúde mental das crianças expondo-as a situações que trarão prejuízos para o resto de suas vidas. De imediato, as dificuldades de aprendizagem aflorarão, pois ao não compreenderem o que veem tornam-se crianças amarguradas, inseguras e agressivas.

Para Tiba (2011) alguns fatores que motivam a indisciplina estão relacionados às relações familiares. Muitas vezes, os pais não exigem respeito dos filhos, não ensinam a eles que professores e autoridades precisam ser respeitados, não ensinam aos filhos sentimentos de gratidão, cordialidade como o uso das expressões: “com licença”, “por favor”, “obrigado”. Assim, esses alunos não veem motivos para se comportar, mesmo que seja por obrigação.

Nesse sentido, durante as atividades desenvolvidas na escola, infelizmente, não ouvimos em nenhum momento esses alunos usarem as expressões mencionadas por Tiba. Assim, as ocorrências nos levaram à concluir que ninguém ensinou boas maneiras e valores nos ambientes de onde tais crianças provém.

Portanto, constata-se que nossa população está passando por uma crise de embrutecimento. As pessoas que estão hoje em faixa etária acima de quarenta e cinco anos, independente da classe social, apresentam um comportamento que reflete a forma respeitosa como foram educadas. Os falantes pertencentes a essa faixa etária exibem polidez e respeito ao tratar o outro, se referem aos mais velhos ou estranhos como senhor ou senhora, pedem licença, agradecem.

Observa-se que jovens considerados de camada social mais elevada, apesar de se referirem aos mais velhos como “você”, apresentam certa polidez agradecendo e pedindo licença. Entretanto, verifica-se que parcela considerável de adultos, jovens e crianças das camadas populares não têm apresentado esse comportamento, ao contrário, chegam a falar mal pelas ruas, na presença de pessoas mais velhas, autoridades, na escola, como se esse fosse um comportamento aceitável ou se estivessem sozinhos em seu quarto.

Acredita-se que esse comportamento resulta do fato dos atuais jovens não terem sido ensinados por seus familiares e, apesar dessa não ser uma tarefa escolar, se quisermos resgatar tais hábitos socioculturais, teremos que agir rápido, ensinando e cobrando essa mudança de comportamento. Seria indispensável que as emissoras de televisão entrassem nessa luta em benefício de todos, pois educação e qualidade de vida caminham juntas.

É evidente que não se pode ignorar que a desigualdade econômica está na base de todos os problemas sociais, mas somente pela educação se poderá vislumbrar a transformação dessa sociedade.

Referencial teórico

A família e a escola contemporânea

Se analisarmos o perfil das famílias brasileiras constataremos que desde o século passado muito se alterou em sua estrutura. Antigamente, as famílias eram constituídas com vários filhos, as mulheres cuidavam da casa e das crianças, enquanto os homens trabalhavam para sustentar sua prole.

Com a introdução das mulheres no mercado de trabalho, o sexo feminino começou a se afastar do ambiente familiar e se aproximar cada vez mais do ambiente profissional. Neste contexto, as mulheres optam por realizar-se profissionalmente deixando para depois a constituição de uma família. Assim, as famílias trazem consigo novos arranjos, entre eles, o número de filhos que diminuiu significativamente e a escolha dos adultos em viver sozinhos.

Segundo Goldani (1994), as famílias brasileiras vêm se modificando nos últimos anos, acentuando as diferenças raciais e regionais, e mostrando grandes transformações no tradicional arranjo familiar. Esse processo trouxe uma complexidade enorme à vida doméstica devido ao número de famílias reconstituídas, resultado do incremento nas taxas de separação, divórcios e recasamentos, mudando, portanto, as condições de reprodução da população, de seus padrões de relacionamento e de modelos de autoridade que passam a ser questionáveis.

Para Fontana (2007), o sistema de educação no âmbito familiar mudou muito nos últimos anos. Há algum tempo vigorava a disciplina imposta pela força. A criança que desobedecia a seus pais era castigada, muitas vezes com violência física. Com os diversos conceitos psicanalíticos e psicológicos que ganharam força nas décadas de 1960 e 1970, a educação familiar chegou a outro extremo dando abertura à educação sem limites. Os filhos podiam tudo, os pais nada podiam.

Neste contexto estão as crianças que não só assistem como também participam ativamente de cada mudança na estrutura familiar. Há vinte anos era muito fácil encontrar crianças brincando de bola, de boneca, de pega-pega, esconde-esconde entre outras. Com o advento da internet, muitas preferem ficar trancafiadas em seu quarto jogando no computador, conversando via celulares, *tablets* e as relações sociais ficam cada vez mais prejudicadas.

Mas, o que leva os estudantes de hoje a terem atitudes indisciplinadas, por muitas vezes, agressivas? Sabemos que todo problema tem sua origem, portanto, a indisciplina certamente é resultado das experiências vividas. A convivência familiar é na maioria das vezes, o ponto de partida para que a criança se comporte de maneira indisciplinada no ambiente escolar.

Na escola, durante o estágio em que o objetivo era trabalhar com crianças de segundo e terceiro anos do Ensino Fundamental e que ainda estavam no nível pré-silábico, o mais rudimentar da aprendizagem da leitura e da escrita, ouvimos por diversas vezes os alunos dizerem que preferiam ficar em casa jogando vídeo game a vir à escola e ficar sentados “só copiando o que a professora escreve na lousa” sem entender nada. Também vimos crianças que não jogam futebol, por que se cansam muito fácil.

De acordo com uma pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, realizada com crianças entre dez e dezesseis anos e exibida no *Jornal Nacional* (2013), as crianças e adolescentes de hoje estão mais lentos, com menos fôlego, pois não brincam, não correm.

De fato é muito difícil para a escola competir com a internet e seus afins, mas não dá para entrar nessa batalha sem estar preparada para lutar. Se a realidade da criança é essa, então que a escola se prepare para recebê-las.

Segundo Rego (1996), a escola jamais deve se eximir de sua tarefa educativa no que se refere à disciplina. Se uma de suas metas é que os alunos aprendam posturas consideradas corretas culturalmente (solidariedade, cooperação, respeito aos amigos e professores), a prática escolar deve dar condições para que os discentes construam e interiorizem valores, além de desenvolverem instrumentos reguladores de sua própria conduta.

Há ainda, aquelas crianças agredidas diariamente que vivem em um ambiente de prostituição, drogas, brigas. Crianças sem o pai, sem a mãe ou sem ninguém. Rosas e Cionek (2006) ressaltam a importância de as crianças serem cuidadas simplesmente pelo fato de estarem em fase de desenvolvimento, afinal, para que se desenvolvam de uma forma equilibrada, é preciso que o ambiente familiar propicie condições saudáveis, o que inclui estímulos positivos, equilíbrio, boa relação familiar, vínculo afetivo, diálogo, entre outros.

É nesse sentido que a escola começou a se degradar. Afinal, o aluno mudou e com ele vieram os problemas relacionados ao seu contexto sociocultural, mas a instituição educacional não conseguiu acompanhar as mudanças e elaborar estratégias de acolhimento que promovessem sequer o sentimento de pertencimento nos desfavorecidos.

Sabe-se que hoje existem diferentes tipos de abandono e que ele não ocorre apenas nas comunidades mais pobres. Porém, hoje se observa que a criança pertencente à camada

socioeconômica mais baixa, atendida pela escola pública, normalmente tem chegado com a autoestima baixíssima.

Considerando a realidade de abandono a qual muitas vezes os atuais responsáveis também já foram submetidos, não percebem a necessidade de dar atenção, carinho, de conversar com a criança desde os primeiros anos de sua vida, ensinando o que é certo e o que é errado. Assim, mediante a menor situação de conflito agredem o menor. Essa postura influenciará diretamente na formação das crianças que crescerão sem bons modelos de convívio social e revoltadas. Os adultos ignoram que as crianças chegaram a esse mundo há pouco tempo e que têm necessidade de aprender tudo.

Deste modo, assistimos hoje em nosso país, o quadro desanimador de formação de seres humanos, ou de degradação humana, pois o diálogo que é a base para o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio, indispensável à geração de valores que promoverão atitudes positivas no relacionamento humano e na vida estão fora das casas e das salas de aulas.

Como ressaltou Romanowski (2007), os profissionais confrontam-se na escola com um conjunto de problemas de natureza diferenciada articulados aos conflitos sociais. Nesse contexto, sem orientação nos cursos de formação de professores, e sem sensibilidade por parte dos gestores da educação, a sociedade vem assistindo um verdadeiro embate nas escolas. De um lado estão as crianças, desamparadas, esmagadas e mal educadas, do outro, a escola, desesperada, despreparada, na defensiva e, muitas vezes, agredindo verbalmente crianças tratando-as como adultos maus em miniatura.

Ante à situação de desastre, e não raramente, as palavras dirigidas às crianças que exibem mal comportamento não são de compreensão e acolhimento, mas de agressividade e, ao invés de desarmá-las abrindo espaço para o diálogo e reestruturação de valores éticos e morais, acabam gerando mais agressividade e revolta.

Então, observa-se hoje, apesar de todos os esforços, que a escola pública está “perdida” no meio de uma crise de valores sem precedentes, pois é nítido que não compreende seu papel social, ficando sem ação e sem saber “o que”, “como” e muito menos “para que” ensinar, uma vez que todos os problemas sociais, diariamente, acabam “explodindo” no seu interior.

Nessa perspectiva, temos defendido ao longo dos últimos 30 anos que a escola ainda não reconheceu seu papel social, nem sua força. Segundo Paulo Freire, a educação sozinha não transforma a sociedade, mas sem ela nenhuma sociedade muda. Assim, os professores precisam ser orientados, reconhecidos e valorizados por todos para que possam reconhecer e exercer seu papel de formadores, “educadores” no mais amplo sentido. Já passou da hora da escola recuperar seu papel com serenidade, mas com seriedade, de ensinar não apenas conteúdos, mas valores aproveitando todas as oportunidades para formar cidadãos críticos para a vida.

Indisciplina X dificuldade de aprendizagem

Ao começarmos as atividades do PIBID nos deparamos com crianças com diversos comportamentos e formas de agir, o que é completamente normal no interior de uma sala de aula em que a diversidade deve existir para riqueza das relações socioculturais. Entretanto, alguns alunos, que eram justamente os que seriam atendidos por nós, chamaram nossa atenção devido ao comportamento e já vinham exigindo cuidados dos profissionais da escola há algum tempo.

Diante das atitudes já citadas e analisadas, alguns questionamentos começaram a surgir como, por exemplo, até que ponto o comportamento exacerbado das crianças (agressividade, brincadeiras inadequadas, falta de atenção, necessidade de elogios, preguiça para realizar as atividades, mutismo – só na escola -, entre outros), contribuía para que chegassem ao terceiro ano do Ensino Fundamental no nível pré-silábico. Seria a indisciplina que causava a dificuldade de aprendizagem?

Como já mencionado, o tema indisciplina tem sido muito abordado atualmente, e se ela ocorre na sala de aula configura em enorme desafio para os professores, a relação entre docente-aluno e aluno-aluno se torna tensa, podendo causar vários problemas no processo de ensino/aprendizagem.

De acordo com Romanowski (2007), as dificuldades de aprendizagem estão geralmente ligadas à problemática da afetividade, sendo elas distúrbios de aprendizagem, falta de estímulos à aprendizagem da criança de 0 a 2 anos, surdez, deficiências mentais e físicas, paralisia cerebral, deficiência visual e auditiva, esquizofrenia, Síndrome de Down entre outras.

Nesses casos é necessário um laudo médico que constate a patologia para, a partir dele, fazer as intervenções e encaminhamentos necessários. Em outras situações quando não diagnosticado previamente, cabe aos professores observar que algo está acontecendo com seu aluno e assim pedir apoio ao orientador escolar sobre qual medida tomar. É óbvio que um professor mal formado terá dificuldades para distinguir sobre este ou aquele problema e muito menos saberá lidar com um aluno com problemas.

Já a indisciplina, enquanto negação às regras e normas, pode estar associada a muitos fatores externos, como a atuação docente, o método utilizado pelo professor, salas numerosas o que causa estresse, ambiente escolar impróprio para recebê-los, relações familiares não adequadas para que essa criança se desenvolva e, até mesmo, a confirmação pelo próprio aluno de que está com dificuldade para realizar determinadas tarefas e, portanto, sua válvula de escape é reagir com agressividade e negação aos regulamentos propostos.

É o que Passos (1996) nos explica ao escrever que a indisciplina pode ser sintoma daquilo que a própria escola produziu, seja em termos do significado dos seus conteúdos, das estratégias de trabalho na sala de aula, ou, ainda, do modo de encarar os alunos e partilhar com eles os espaços, as vozes, o tempo.

Nesse sentido, conforme publicado nos livros de Mendonça (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009 e 2013), os autores têm defendido um processo de alfabetização e de ensino pautados no diálogo como forma de garantir o direito à vez e à voz às crianças, de incentivar a sua participação, ensinando-as a conversar socialmente, respeitando os colegas e o professor mostrando que podem ser sujeitos do seu processo de aprendizagem.

É primordial que, desde a Educação Infantil, a criança seja respeitada e estimulada a exercer uma postura respeitosa para com todos quantos convive. A base do relacionamento saudável é o respeito. Portanto, não vemos possibilidade alguma de sucesso no trabalho escolar se o princípio não for o do respeito.

Assim, conforme Mendonça (2009), na Codificação (conceito próprio de Paulo Freire, diferente de combinação de signos de um código para produzir mensagem, ex: escrita “stricto sensu”, cf. Dubois, 1993, p.113), primeiro momento da metodologia, temos:

(...) a representação de um aspecto da realidade expresso pela palavra geradora, por meio da oralidade, desenho, dramatização, mímica, música e de outros códigos que o alfabetizando já domina. Ou ainda, para Gadotti (1989, p. 148): “É a representação de uma situação vivida pelos estudantes em seu trabalho diário e se relaciona com a palavra geradora. Abrange certos aspectos do problema que se quer estudar e permite conhecer alguns momentos do contexto concreto”. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009, p. 75)

Esse processo é realizado com o objetivo de descobrir a visão de mundo que os alunos trazem de casa e, para tanto, o professor questionará a sala sobre o tema que está sendo discutido.

O segundo momento, a Descodificação (conceito próprio de Paulo Freire, diferente de decifração dos signos de um código para receber uma mensagem, ex: leitura/decifração, cf. Dubois, 1993, p. 175):

É a releitura da realidade expressa na palavra geradora para superar as formas ingênuas de compreender o mundo, através da discussão crítica e do subsídio do conhecimento universal acumulado (ciência, arte, cultura etc.). (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009, p. 75)

Nessa etapa o professor trará um texto (poesia, poema, artigo de revista, jornal), relacionado ao tema em foco, para dar início ao processo de interpretação fazendo novos questionamentos que visam promover a releitura de mundo, despertando o senso crítico do aluno. Aqui não se questionará apenas para fazer com que as crianças exponham seus pontos de vista, nem se ficará no limite da interpretação textual, mas se relacionará o texto ao contexto, à realidade em que o aluno está inserido, com o objetivo de problematizar o tema, a fim de despertar sua consciência crítica. Assim:

Ao contrário da “codificação”, em que o professor questiona apenas para descobrir o que os alunos sabem/pensam sobre o tema (questões de nível superficial), na “descodificação” o docente questionará para

fazer com que reflitam sobre ele e assim cresçam criticamente. Respeitando o horizonte, a ludicidade peculiar à faixa etária, pode-se perfeitamente desenvolver palavras geradoras que agucem o olhar crítico do aluno no tocante a diferentes aspectos da realidade, por exemplo, a necessidade e medidas para preservação da *natureza*, *higiene* pessoal, *brincadeiras* de risco, respeito e cuidados com *animais* etc. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009, p. 83)

Deste modo, para Mendonça, na alfabetização:

Os dois primeiros passos, a “codificação” e a “descodificação”, representam a fase necessária de exploração das potencialidades mentais do alfabetizando, por meio das linguagens que devem preceder a técnica de ler e escrever, e que instrumentalizam a criança para o desempenho social, tendo acesso ao poder de reivindicação, através das habilidades de discutir, tomar a palavra, expor e superar as formas contemplativas (ingênuas) de compreender o mundo. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009, p. 75)

Os autores lembram que essas etapas iniciais de sua proposta de alfabetização deveriam estar nas salas de aula durante o processo de ensino de qualquer conteúdo, desde a Educação Infantil até ao final do Ensino Médio, pois constituem etapas fundamentais para atrair a atenção motivando o aluno para a aprendizagem.

Lembram, também, que ao terem liberdade para falar sobre o que conhecem as crianças passam a sentir-se seguras e parte do processo. Assim, conseguem se envolver, interagir de maneira sadia e responsável ao mesmo tempo em que crescem intelectualmente, pois:

(...) A partir do momento em que o aluno tem a oportunidade de falar e é ouvido pelo professor, sua postura se transforma em sala de aula e o respeito mútuo surge como elemento fundamental na construção da aprendizagem e da disciplina. Quando o professor ouve o aluno, demonstra respeito por ele, a recíproca será mera consequência. De início, em uma sala onde os alunos não aprenderam a dialogar, haverá um pouco de tumulto, pois, quando questionados pelo docente que encaminha as discussões, todos falarão de uma só vez. Nesse momento, o responsável precisará intervir, esclarecendo que, para todos serem ouvidos, é necessário que enquanto um fala o outro ouça, respeitando o colega. Em poucos dias, o professor colherá o fruto de

seu trabalho e haverá harmonia no grupo. (MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C., 2009, p.82-83)

O papel do professor diante de alunos indisciplinados ou com dificuldades de aprendizagem

A relação professor-aluno vem abalada, não é de hoje, por diversos desafios como problemas de infraestrutura, baixos salários, problemas sociais externos à escola, de relacionamentos, de má formação, de segurança (por ameaças de alunos e de outros grupos institucionais), das condições dos aprendizes, entre outros (GUIRADO, 1996).

Porém, independente das condições físicas e estruturais, o professor deve estar preparado para ensinar seus alunos da melhor maneira possível. Nesse caso, entra a escolha política por uma educação de qualidade, pois não basta apenas ser professor, é preciso oferecer uma aula atraente aos alunos, fazer valer cada conteúdo dado e justificar o tempo que permanecem na escola.

Se analisarmos a reação dos professores diante de um aluno agressivo verificaremos que muitos docentes os levam à diretoria. Infelizmente, essa atitude acaba por tirar a sua própria autoridade, visto que acabam por “transferir a responsabilidade para outro” ao invés de usar sua autoridade para resolver a situação.

Segundo Tognetta (2002), o grande problema da indisciplina discente não é ela em si mesma, mas o fato dos professores não saberem lidar com ela. Para a autora, quando as pessoas apresentam-se agressivas ou violentas não se pode negar que tal comportamento é resultado de angústias, ansiedades, preocupações mal resolvidas. A maioria dos professores sabe disso. O diagnóstico é sempre preciso, dizendo que as crianças, constantemente, trazem problemas de casa.

A questão é que muitas vezes ao tratar o comportamento agressivo alguns professores desconsideram essas causas. Ao desconsiderar, normalmente, a reação é a de devolver a agressão ao aluno. Alguns professores perdem a cabeça, falam mal, destratam, colocam os alunos para fora da sala ao invés de dialogar e demonstrar interesse em ajudá-los.

Sabe-se que não é fácil trabalhar em um ambiente de hostilidade, desprezo, provocações, irritação, tanto que é crescente o número de professores doentes. Problemas emocionais deflagram uma série de doenças, principalmente em mulheres, a maioria dos profissionais da área educacional hoje.

Entretanto, em nossa análise, o único caminho que ainda pode recuperar o status da escola como lugar de “formação” e promoção do conhecimento, seria o estabelecimento de uma aliança entre a melhoria dos cursos de formação, mudanças na postura do educador e legais.

Nessa direção, os cursos de formação de professores precisam retomar com objetividade, o desenvolvimento de um currículo composto de disciplinas que enfatizem o ensino de conteúdos, metodologias e práticas de alfabetização, língua portuguesa, matemática, educação física, artes, história, geografia e ciências. Disciplinas que deem conta de ensinar conteúdos e metodologias adequadas e testadas ao ano a que se destinam. Disciplinas que ensinem psicologia e, no interior destas, estratégias de abordagem de crianças vítimas de maus tratos e abusos, e que, além de descreverem os mais diversos tipos de síndromes e distúrbios emocionais, já presentes nas escolas, ofereçam estratégias para enfrentamento desses problemas. Ainda, é preciso romper o discurso demagógico de que não se pode aplicar provas, pois ninguém ensina o que não sabe, e a cada dia vemos professores mais fracos em sala de aula, pois não sabem acentuar palavras, não estabelecem concordância, não dominam ortografia, claras vítimas de modismos educacionais. Os alunos precisam desenvolver hábito de estudo e fazer provas.

Quanto à postura do professor, cabe lembrar que o diálogo é a única “arma” eficaz para convencer os alunos sobre os benefícios de se incorporar valores positivos, de estudar com seriedade para garantir sucesso profissional, pois ainda não se encontrou outra forma legítima de ascensão social. O diálogo que visa conscientizar, como nos ensinou Paulo Freire, ainda é o melhor caminho.

Uma medida legal que já vem sendo retomada por sistemas de ensino é a seriação, pois não há seriedade em uma escola onde apenas a frequência promove. A progressão continuada deseducou a população que já não estava consciente da necessidade, nem dos benefícios provenientes de uma educação de qualidade. Foi uma medida econômica e não educacional.

Sabe-se que tudo o que se gasta com educação não é despesa, mas investimento, porém, manter alunos repetentes na escola tem custo e muitos gestores não querem gastar. Desse modo, como a população brasileira ainda está longe de reconhecer a necessidade de escolarização, inclusive como crescimento pessoal, essa medida jogou por terra uma escola que já vinha perdendo qualidade condenando a população à ignorância.

Educação é assunto sério e merece ser tratada como tal. A progressão continuada surgiu sob o discurso de manter a criança na escola para que não se evadisse ao ser retida por não aprender o mínimo de conteúdos exigidos, como se fosse uma oportunidade extra de aprender alguma coisa só pelo fato de estar na escola. Entretanto, ainda não compreendemos qual é a vantagem que o aluno tem em concluir o ensino médio semianalfabeto como vem ocorrendo há décadas.

Essa progressão pode ter resultado positivo em lugares onde cada sujeito envolvido: família, aluno e escola, conhece e cumpre seu papel. Porém, essa medida condenou a escola pública brasileira ao fracasso, desmoralizando-a. Se muitos alunos eram reprovados anualmente por não conseguir aprender, era necessário adequar a metodologia, e não simplesmente deflagrar um processo de desmoralização que culminou no 60º. lugar, dentre 65 países avaliados pelo último PISA.

Temos que enfatizar que não acreditamos que reprovar o aluno irá garantir sua aprendizagem, apenas irá lembrá-lo do compromisso de estudo, pois o ideal é que a escola crie condições de aprendizagem.

Atualmente, há sistemas de ensino que reprovam os alunos ao final do 3º., 5º., 7º. e 9º. Anos do Ensino Fundamental, porém sabe-se da pressão que diretores e professores sofrem para não reprova-los a fim de dissimular dados estatísticos. Entretanto, tais medidas são desmascaradas pelas avaliações externas que denunciam e evidenciam a fragilidade dos sistemas de ensino.

Ainda há outro problema. Muitos pais, ingenuamente, e julgando ser importante que seus filhos sejam aprovados a qualquer custo, pressionam a escola para que os “promovam”, mas deseducam à medida que não cobram que estudem. O aluno, por sua vez, percebe a existência desses mecanismos e, na sua ingenuidade, acaba achando que ser esperto é entrar no “sistema” e não estudar mesmo. Mal sabe que com isso está garantindo seu próprio fracasso na vida.

Portanto, vemos a urgente necessidade de se resgatar a seriedade e a responsabilidade das pessoas, e a escola pode ser um caminho. A família precisa estar na escola como parceira, pois à medida que os filhos forem compreensivos e educados o convívio em família também ganha qualidade.

Ir à escola para ouvir reclamações sobre as crianças desestimula os familiares, mas para ouvir palestras que os ajudem de forma prática a educá-las pode ser um atrativo. Há bibliografia excelente para isso e todos sairiam ganhando, pois responsabilidade e compromisso só trazem benefícios às pessoas, inclusive mais disciplina em sala de aula.

Nessa direção, Tognetta (2002) ressalta que para mudarmos o comportamento da criança é necessário trabalhar na construção de virtudes, de modo que ela tenha liberdade para pensar, sair de seu ponto de vista e ir para outro, ter reversibilidade de pensamento, e para promover essas mudanças, mais uma vez, o caminho é o diálogo.

Resultados

Os resultados obtidos neste trabalho apontam para a importância de o professor conhecer as diferentes causas de obstáculos no processo de ensino/aprendizagem, seja ela comportamental ou cognitiva, além de levar em consideração sua formação acadêmica que precisa se contínua, e ainda, sua atuação profissional, de modo, a saber, como e quando intervir junto ao aluno para que este possa avançar em sua aprendizagem.

O profissional não pode limitar-se aos cursos de formação de professores que deixam muito a desejar, cabendo ao professor, sempre que possível, se capacitar, participando de cursos, congressos, especializações além de ler muito.

Outro fator de suma importância diz respeito à necessidade da escola e seus professores conhecerem a vida de seus alunos, considerando suas experiências de vida,

visto que refletem aquilo que vivem em suas relações familiares. A indisciplina na escola tem relação direta com a relação familiar do aluno.

Como apontado por Romanowski (2007) e Passos (1996), os problemas que afetam de maneira significativa o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula variam muito, indo desde problemas internos relacionados às dificuldades de aprendizagem, até externos, envolvendo relações familiares, ambiente escolar entre outros.

Não cabem suposições na educação, pois é preciso ser o melhor no que se propõe a fazer.

Conclusão

De acordo com o que foi observado, e segundo as pesquisas realizadas, concordamos com Azambuja e Vercelino (2013) que afirmam que uma aprendizagem de qualidade deve partir do pressuposto de que não existe qualidade em um ambiente de indisciplina e agressividade, seja ele no seio familiar ou no ambiente escolar. É necessário buscar novos caminhos que levem a família, toda a equipe escolar e os alunos a assumirem o seu verdadeiro papel neste processo.

O professor deve refletir sobre suas ações, comportamentos e visão perante os alunos e, partindo de sua realidade, ser capaz de propor situações de ensino aprendizagem que valorizem as capacidades individuais de cada aprendiz, por meio de conteúdos e metodologias atraentes. O professor precisa estar atento às dificuldades para propor o conteúdo de uma forma que o aluno possa compreender.

Tognetta (2002) garante que se tivermos clareza sobre o quê e como dialogar com a criança para resolver conflitos será um grande avanço, pois o pensar e o sentir são fundamentais à construção de virtudes, seja tolerância, solidariedade, perdão entre outros.

Nesse sentido, a codificação e a descodificação propostas por Mendonça (2009), vêm contribuir, pois o professor pode trazer temas para discussão, independente do ano/série em que ensina, que tratem de problemas pelos quais a sala esteja passando. Ao detectar o problema, o professor seleciona um texto adequado à faixa etária, que aborde as necessidades dos alunos e, a partir dele, realiza a interpretação, mas sempre questionando de um modo que os ensinam a refletir criticamente.

O fato é que não existem mágicas para acabar com a indisciplina em sala de aula, o que existe é investimento, empenho e responsabilidade por parte de todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem e, nesse sentido, o diálogo proposto por Freire, e amplamente recomendado no Método Sociolinguístico de Alfabetização, tem contribuído para o avanço da socialização de virtudes e valores positivos, além de promover a harmonia, o interesse e a motivação pela aprendizagem de conteúdos escolares.

Afinal, cabe enfatizar que se os gestores da Educação, nos mais diferentes níveis, tiverem algum interesse em mudar a realidade de fracasso escolar no qual nosso país está submerso é preciso despertar do sono profundo mudando agora de postura, elaborando e enviando materiais a todo o Brasil que promovam com empenho o ensino de valores, investindo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Referências

AZAMBUJA, A; VERCELINO, I. **Falta de limites na Educação Infantil**, 2013. Disponível em <<http://www.ijui.com/artigos/49253-falta-de-limites-na-educacao-infantil-por-ana-azambuja-e-isamara-vercelino.html>>. Acesso em 19 jun 2014.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/dicionario.php?P=Indisciplina>>. Acesso em: 19 jun 2014.

FONTANA, P. A. F. **Indisciplina na escola: de onde vem e para onde vai?** Revista Fafibe On Line — n.3 — ago. 2007 — ISSN 1808-6993 www.fafibe.br/revistaonline — Faculdades Integradas Fafibe — Bebedouro — SP. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/11/19042010140846.pdf>>. Acesso em: 13 jul 2014.

GARCIA, J. **Indisciplina na Escola**: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Curitiba. n.95, jan./abr. 1999, p. 101-108.

GOLDANI, A. M. **As famílias brasileiras**: mudanças e perspectivas. Caderno de pesquisa. n. 91. Versão ISSN 0100-1574. - São Paulo. Nov, 1994.

GUIRADO, M. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. Júlio Groppa Aquino (Org). – São Paulo: Summus, 1996.

JORNAL NACIONAL. **Crianças de hoje estão mais lentas que as de 10 anos atrás, diz estudo**. Edição do dia 07/12/2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/12/criancas-de-hoje-estao-mais-lentas-que-de-10-anos-atras-diz-estudo.html>>. Acesso em: 02 jul 2014.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização - Método sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emília Ferreiro**: práticas socioconstrutivistas. São Paulo: Paulus, 2013.

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. Júlio Groppa Aquino (Org). – São Paulo: Summus, 1996, p. 117-128.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. Júlio Groppa Aquino (Org). – São Paulo: Summus, 1996.

ROMANOWSKI, J. P. Profissão do professor. In: **Formação e profissionalização docente**. 3ª. Ed. rev. Atual. – Curitiba: Ibpex, 2007, 13-66.

ROSAS, F. K; CIONEK, M. I. G. D. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. Conhecimento Interativo: São José dos Pinhais, PR. v. 2, n. 1, jan/jun, 2006, p. 10-15.

TIBA, I. **Alunos indisciplinados, mas sem apoio da família**. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/colunas/icami-tiba/2011/09/13/alunos-indisciplinados-mas-sem-apoio-da-familia.htm>>. Acesso em: 02 jul 2014.

TOGNETTA, L. R. P. **A educação dos sentimentos e a moralidade infantil**. Anais do XIX Encontro Nacional de Professores do PROEPRE: “Construtivismo e Formação de Professores”. Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp, 2002, p. 73-81.

LA TAILLE, Y. de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. Júlio Groppa Aquino (Org). São Paulo: Summus, 1996, p. 9-24.